

O futuro Bento XVI e a denúncia da 'Ditadura do relativismo'!

por Paulo Faitanin – UFF



Cardeal Joseph
Ratzinger

Introdução

O ainda cardeal alemão Joseph Ratzinger denunciou em 18/04/2005, em homilia durante a missa "Pró-Elegendo Pontífice", celebrada na basílica de São Pedro no Vaticano, a ditadura do relativismo e fez uma vigorosa defesa do que qualificou de "uma fé clara, que com freqüência é etiquetada como fundamentalismo". Tal discurso teve, naquele momento, grande repercussão na mídia em razão da expressão *ditadura do relativismo* que revelava numa linguagem poética e não contraditória uma profunda constatação da crise humana hodierna. Hoje, o cardeal Ratzinger é Bento XVI e o tema continua em voga. Dado a atualidade do tema, buscaremos, a seguir, lançar um olhar metafísico sobre o relativismo e o valor objetivo da verdade. O texto que se segue está em forma de artigo, com notas e na íntegra neste site, no link estudos.

I. O intelecto busca naturalmente a verdade e ela é valor objetivo

1. O conhecimento será em todo e qualquer intelecto humano a consequência da produção de um conceito universal do real, que é a expressão intelectual da adequação do intelecto e da coisa: a verdade, na medida em que é ao que tende o intelecto naturalmente quando se verte sobre a realidade que o rodeia. A verdade não é relativa enquanto resultado subjetivo de uma análise do real, senão valor objetivo enquanto fruto de uma relação real de adequação do intelecto e da coisa. Não é invenção do intelecto, nem resultado de uma reflexão sem o fundamento real. Embora exista somente no intelecto do real [S. *Theo.* I, q.16, a.1,c.].

2. A verdade somente é perceptível no intelecto e se encontra antes de tudo nele [In *I Sent.*, d.19,q.5,a.1], mas pode ser dita da coisa enquanto manifesta e declara o ser da coisa [De *Ver.*, q.1,a.1,c.]. A verdade é um valor objetivo, porque é expressão da nobreza e grandeza intrínsecas da coisa de que é expressão, mediante as quais são dignas de estima, próprio por aquilo que são e não pelo interesse que por ela tenhamos, pelo sentimento que nos inspira,

pela utilidade que nos propõe, pelo bem ou prazer que possam nos causar. Há valor na rosa e no cravo, na água e no fogo, na águia como no leão, no automóvel como no livro, na verdade como na beleza.

3. O valor, portanto, não é o interesse, o preço que o homem manifesta por uma coisa, o apreço por uma pessoa ou por uma ação, senão aquela grandeza, nobreza, dignidade que pertencem à coisa, à pessoa e à ação e que estão na origem do interesse e do preço. Neste sentido, valor é de certo modo um valor transcendental, porque segue o ser da coisa e o valora pelo que ela é. Não é tautológico dizer que o bem é um valor, que a verdade é um valor, pois valor se diz de um e de outro, mas não se identifica nem com um nem com outro. Nem todos os valores são iguais: não possuem um mesmo valor um automóvel e um copo com água no deserto, uma vida de santidade e uma vida de perversidade.

4. A hierarquia dos valores se dá pela hierarquia dos graus de perfeição das coisas e pela nobreza, dignidade e importância de cada ser: há graus de perfeição de ser – o vegetal tem mais ser do que o mineral, porque possui a perfeição do ser mineral e mais a vida vegetativa; o animal tem mais ser do que o vegetal, porque possui a perfeição vegetal mais a vida sensitiva e o homem tem mais ser do que o animal, porque possui a vida sensitiva e mais a intelectual.

II. O relativismo da verdade é consequência da negação do valor objetivo do real

5. Não raro a filosofia moderna negou ou esvaziou a compreensão da verdade como relação real e adequação do intelecto e da coisa. A filosofia idealista de Kant, por exemplo, parece entender que a verdade é uma produção única e exclusiva da razão a ponto de parecer sugerir ser uma ‘invenção’ da própria razão ao afirmar ser a verdade ‘concordância do conhecimento consigo mesmo’ [*Logik, Einteilung, VII (A71)*].

6. A filosofia da linguagem de Tarski parece propor a verdade ser a consequência adequada de um esforço e análise lingüística dos termos que compõem uma definição [A concepção semântica da Verdade]. O pragmatismo e mesmo o neopragmatismo de Rorty seguem em última instância a teoria da linguagem, mas com a diferença que esta propõe entender a verdade como adequação direta com a vida prática [RORTY, *Objetivismo, relativismo e verdade*, Rio de Janeiro, 2002, p. 37-53].

7. A filosofia voluntarista, por outro lado, confunde bem e verdade, pois diz ser a verdade aquilo a que tende a vontade. Por isso, a verdade é entendida como a essência originária do ser e da vontade, cuja compreensão se estenderá à postura hermenêutica e culminará na concepção existencialista de Heidegger, como que criticando a noção de verdade como adequação afirma ‘a essência da verdade é a liberdade’ [*Vom Wesen der Wahrheit*, 2. Aufl. Frankfurt am Main, 1967, P. 81].

8. Um seriado de TV que propunha a existência de vida extraterrestre tinha por tema fundamental a afirmação de que ‘A verdade está lá fora’. Algumas teologias protestantes não admitem senão a verdade que a fé ofereça e acabam por cair em erro ao negar a verdade temporal face à aceitação da única Verdade eterna transcendente existente fora do domínio da razão, como se fé e razão fossem excludentes e que as verdades temporais não revelassem também a beleza da verdade eterna.

De fato, a Verdade Eterna que é Deus existe à parte do intelecto, mas não lhe é estranha, visto que é a ela que tende primeira e naturalmente o intelecto humano. Antes pelo contrário as verdades temporais representam ao intelecto humano a possibilidade ou a certeza da existência de uma verdade eterna.

9. Vimos que estas distintas concepções de verdade se vertem numa atitude que radicaliza a objetividade do real ou a subjetividade do sujeito; mas isso não pode constituir saber, porque a verdade que é expressão do conhecimento é oriunda da conciliadora adequação entre objetividade e subjetividade, cuja relação expressa a adequação do intelecto [sujeito] e da coisa [objeto], ou seja, a verdade.

III. O relativismo aborta a objetividade da verdade

10. O que é o aborto da verdade? Vejamos o que é aborto e logo relacionemo-lo à verdade. Etimologicamente provém de *abortus*, us, originário de outro verbo mais arcaico *aborior*, eris, ortus sum, iri, com o significado literal de ‘pôr-se o sol’, ‘desaparecer no horizonte’ e daí os significados de ‘perecer’, ‘fazer perecer’ e ‘morrer’. Mas a raiz do verbo *aborior* deriva de *orior*, eris, ortus sum, oriri, com o significado de ‘nascer’.

11. O vocábulo *abortus*, enquanto derivado de *aborior* significa, também, como o seu originário ‘pôr-se o sol’ [poente], na medida em que o seu

derivado abortus passaria significar ‘pôr-se a vida’ [morte], porque na vida, como no sol, que são sinônimos de luz, há o nascente e o poente.

12. Por isso, estando próximo o nascimento de uma criança, costuma-se dizer que a mulher dará a luz, enquanto isso significa o ‘nascer’ do sol, o nascente, ou seja, o nascimento, opondo-se ao ‘pôr-se o sol’, o poente; além do mais nascer é o marco da irrupção da noite escura do interior do ventre materno, para a luz, o dia claro do exterior do ventre materno.

13. Portanto, a palavra ‘aborto’ da verdade tem aqui a conotação de assim como aborto significa a ‘interrupção do nascimento’ e a ‘interrupção da vida’, no relativismo o aborto significa a ‘interrupção do conhecimento’, portanto, por extensão, a ‘interrupção da verdade’. No relativismo o conhecimento não se dá. Porque não? Porque se nega a relação real de adequação do intelecto e da coisa.

14. E porque se negada a relação não se pode chegar à concepção da verdade: urge saber o que é relação. Talvez em sua negação ou má interpretação esteja a raiz do relativismo. O que é relação? A relação é conexão racional que só o homem percebe entre realidades que possuem ou não vínculo real, buscando estabelecer relação para conhecê-las.

IV. O relativismo contraria o princípio da não contradição

15. Todas as investigações nas quais há princípios costumam-se dar-se a ciência como efeito de conhecê-los [*Física*, I, 1, 184^a], é evidente, também, que na consideração do relativismo analisemos antes quais princípios o norteiam e de quais se encontra privado, pois na falha de sua consideração poderíamos também errar. E porque um pequeno erro no princípio pode torna-se grande no fim [*De ente et essentia*, proem.], faz-se necessário desde agora evitá-lo, para que não se deslize por ignorância e não se caia em alguma falsidade acerca do que significa o relativismo.

16. Qual é a origem do relativismo? Ao investigador, muitas vezes, não lhe interessa o que no passado outros pensaram, senão a verdade das coisas. Para chegar à verdade das coisas lhe convirá apoiar-se na clarividência expositiva de quem o antecedeu. E isso requer cautela, porque facilmente o valor da doutrina estudada passa a ser substituída pela do seu intérprete que, em muitos casos, é, provavelmente, menos estimável. Fica clara a conveniência de considerar com antecedência os elementos históricos do tema estudado, para

assim projetar, adequadamente, uma via de investigação que não venha a tornar-se insuficiente ou falaz.

17. De fato, se quisermos encontrar verdadeiramente a origem do relativismo deveremos especialmente voltar à filosofia grega e repassar algumas posturas filosóficas ulteriores. Consideramos que foi Heráclito [504-470] que estabeleceu, com seu dinamismo, a raiz de todo relativismo: o relativismo ontológico, ou seja, a postura que sustenta a possibilidade de alguma realidade ser e não ser ao mesmo tempo.

18. Segundo Heráclito ‘tudo flui’ [Platão, *Crátilo*, 402^a], ‘as essências, por estarem num contínuo transformar-se, são e não são ao mesmo tempo’ [Diels, 22B49a], ‘não é possível banhar-se duas vezes no mesmo rio’ [Diels, 22B91]. Ora, se tivermos em conta isso veremos que tal postura constitui um relativismo ontológico, porque se refere à relatividade do ser em si mesmo, enquanto pode ser e não ser ao mesmo tempo.

19. Contudo, esta tese induz ao equívoco e ao absurdo ou ao que denominamos de ‘aborto da verdade’, porque contraria o princípio universal do conhecimento racional, o princípio da não contradição, que possibilita a concepção e o nascimento do conhecimento, na medida em que afirma que é impossível ser e não ser sob um mesmo aspecto, ao mesmo tempo [Aristóteles, *Met.*, II, 996b27].

20. Tão logo se expandiu a fama da tese de Heráclito se fez sentir o seu eco entre os seus discípulos, como de fato ocorreu no pensamento do seu discípulo sofista Protágoras [ca. 444] que a retomando, a revestiu com uma roupagem antropológica, onde tudo se reduzia à medida humana: ‘o homem é a medida de todas as coisas, das que são enquanto são e das que não são enquanto não são’ [Diels, 80B1]. Nada é fixo e estável, cada um percebe a realidade ao seu modo, havendo tantas verdades, quantos forem os indivíduos. Neste sentido, o relativismo antropológico é consequência da aplicação do relativismo ontológico no domínio do ser, do pensar e do agir humanos. Nascia, pois o relativismo antropológico que reduziria o ser, o pensar e o agir humanos às convicções de cada sujeito humano.

21. Qual é a natureza do relativismo? A natureza do relativismo é ontológica, enquanto contraia em sua origem o princípio da não contradição, mas se reflete no modo de ser, pensar e agir do homem. O relativismo antropológico é a fonte de inspiração de todas as ulteriores vertentes do relativismo, já que,

em sua maioria, as visões posteriores estabelecem em cada homem o critério único de seu conhecimento, do seu pensamento e de sua ação.

V. O consumismo é a máxima expressão do relativismo

22. Em nossos dias a consequência perceptível é a contínua negação da verdade do conhecimento e a desvalorização da dignidade humana através de uma espécie de moda que se estabelece como uma ditadura do relativismo, um dogmatismo em que todas as opiniões valem o mesmo e, portanto, nada tem valor em si, senão somente em função dos votos que as respaldam [J. Nubiola, "La dictadura del relativismo", in: *La Gaceta de los Negocios* (Madrid), 4 de Junio de 2005]. Consideraremos como consequência ou efeito da doutrina do relativismo toda ideologia que admita a relatividade do ser, da verdade e do agir humano.

23. Qual é a máxima expressão do relativismo? Em nossos dias, o consumismo é efetivamente a máxima expressão do relativismo. Por quê? Porque incorpora sob este rótulo um significativo número de doutrinas que se apóiam nas teses do relativismo. Como? O consumismo exerce particular atrativo entre os homens, muito provavelmente porque propala a filosofia do relativismo que entroniza o homem como o peso e a medida do seu ser, pensar e agir. Talvez isso lhe conforte mais ou lhe dê a sensação de pleno domínio do si mesmo e do seu entorno. Mas ao fim e ao cabo não há efetivo domínio nem mesmo conhecimento, senão oferta de decalques do 'eu'.

24. Qual é a consequência da ação do relativismo do consumismo na vida do homem? O consumismo devassa a pessoa humana, porque esvazia a vida de sentido, de verdades e de valores deixando-a de considerar como uma verdade e valor em si mesmos, senão apenas uma verdade e valor relativos [E. Kant, *Metaf. dos Costumes*, II]. Em síntese, o consumismo promove a cultura da efemeridade, mediante uma filosofia de que tudo tem data de validade.

25. O valor e a verdade se reduzem a durabilidade: vale mais, quanto mais dure, e menos, quanto menos perdure. Esta cultura aposta no novo, mas a novidade se esvai por entre os dedos num piscar de olhos, pois como sentencia Heráclito tudo flui à maneira de um rio [Frg. 40]. O afã de viver o agora produz num instante o medo de encarar o futuro e uma incessante fuga do passado. A síndrome do pânico nos atesta certo medo de encarar o futuro que a atualidade oferece. Cria-se a pseudo-idéia de que é necessário viver intensamente o 'agora': aproveite o momento fugaz [*Carpe diem* - Odes de

Horácio, 1,11,8]. No consumismo o relativismo se articula sob as formas do pragmatismo [verdade prática] do utilitarismo [verdade útil] e do hedonismo [verdade é o prazer].

VI. Conclusão

26. Se seguirmos a ideologia relativista, não poderíamos julgar ninguém por nada, já que o que se considera errado agora poderia tornar-se certo no futuro! Portanto, se a verdade é segundo a visão relativista, então nossa opinião sobre a falsidade do relativismo seria verdadeira. Ora, neste sentido não haveria verdade para ninguém, o que é um absurdo e contraproducente. Dentre as doutrinas que procedem do relativismo moral é o relativismo cultural a sua maior expressão.

27. O que é relativismo cultural? É a doutrina que nega a universalidade da natureza humana e da cultura, reduzindo a sociedade às estruturas sociais absolutamente independentes. Desenvolveu-se no materialismo, no estruturalismo, no socialismo, no comunismo [KLUCKHOHN, C. 'Relatividade cultural', in: *Dicionário de Ciências Sociais*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1987, p. 1057]. O contextualismo é por excelência expressão do relativismo cultural. Sustentamos que, quanto ao modo do agir social, esta filosofia representa adequadamente o que aqui poderíamos denominar relativismo cultural. O que sustenta o relativismo cultural do contextualismo? Afirma que bem significa o que é socialmente aprovado pela maioria de uma dada cultura.

28. Neste sentido, o infanticídio não é objetivamente um bem ou um mal; pelo contrário, é um bem numa sociedade que o aprove e um mal numa sociedade onde não obtenha aprovação, já que a moral é um produto da cultura e não se tem meios claros para resolver as diferenças, bastando para tal ser tolerantes com outras culturas e não olhá-las como estando erradas, mas como sendo diferentes.

29. Sob este ponto de vista é insustentável qualquer forma de relativismo cultural, porque torna impossível discordar dos valores da nossa sociedade. Leva-nos ainda a aceitar as normas da nossa sociedade acriticamente. Pode uma sociedade aprovar algo que não seja verdade e que não seja bom. Além disso, o relativismo cultural implica que a intolerância e o racismo sejam um "bem" se a sociedade o aprovar.

30. Se todas as coisas são aparentes e relativas, então podemos afirmar que não existe nada de verdadeiro, livre e absoluto entre as pessoas. Em outras palavras, se todas as pessoas negam a verdade absoluta e estabelecem verdades relativas unicamente provindas de suas experiências, então tudo é aparente ao indivíduo. Perguntamos: partindo dessa premissa, como então poderá alguém julgar o que é realmente certo ou errado, verdade ou mentira? De fato é atraente o relativismo, pois faz o giro do mundo depender exclusivamente apenas de si mesmo. Mas é contraditória tal postura, pois as mesmas pessoas que afirmam haver apenas verdades relativas, não descartam de apelar para o absolutismo de suas argumentações. Assim, no momento em que defendem seus pontos de vista dão ênfase à sua subjetividade e tentam dar por verdade definitiva, única e absoluta suas argumentações. Mesmo que fosse possível a manutenção do relativismo sem contradição - o que é impossível - seria impossível a manutenção do diálogo e da aprendizagem, pois cada qual valorizaria sua subjetividade e dominaria a mais forte, quem pela força defendesse sua opinião com maior vigor... não necessariamente da palavra, mas da arma. Historicamente tem sido repetidas estas atitudes: nazismo, comunismo, idealismo, etc. Em síntese, vimos que o relativismo manifesta sua força, sobretudo no domínio moral.

31. Neste domínio, o relativismo é especialmente incoerente, pois para estabelecer-se supõe certa escala de valores tidos como verdadeiros: a tolerância, a abertura aos outros, o respeito mútuo.

No domínio do conhecimento o único remédio para do relativismo gnosiológico é a afirmação do valor objetivo da verdade; no domínio da moralidade o único remédio para o relativismo moral é a afirmação da liberdade responsável e no domínio da religião o único remédio para o relativismo teológico é a conciliação de fé e razão, já que a graça não anula, estorva ou impede a natureza, senão que a promove e a aperfeiçoa na luz da verdade e valor eternos.